

## A nova história cultural como proposta metodológica para pesquisas no campo da história da enfermagem

The new cultural history as a methodology proposed for research in the nursing history field

Nueva historia cultural como la investigación metodológica propuesta en el campo de la historia de la enfermería

*Erika Bicalho Almeida<sup>1</sup>; Aline dos Santos da Silva<sup>2</sup>; Julieta Brites Figueiredo<sup>3</sup>; Wellington Mendonça de Amorim<sup>4</sup>; Luiz Henrique Chad Pellon<sup>5</sup>*

### Como citar este artigo:

Almeida EB, Silva AS, Figueiredo JB, et al. A nova história cultural como proposta metodológica para pesquisas no campo da história da enfermagem. Rev Fund Care Online. 2018 jan./mar.; 10(1):130-136. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i1.130-136>

### ABSTRACT

**Objective:** The study's goal has been to discuss the use of the New Cultural History as a methodology for analysis of nursing practices and behaviors related to printed materials. **Methods:** It is descriptive research with qualitative approach, which is derived from the reflection on the theoretical and methodological advances defended by the historian Roger Chartier in the Cultural History field. In order to establish links between the New Cultural History, which was proposed by the historian, and the Nursing History, it was reviewed 2 Doctoral Theses and 3 Master Theses produced at the Laboratory of Scientific Approaches in the Nursing History. **Results:** The studies showed that the methodological approach proposed by Chartier is based on the intimate relationship between representations and the effects produced by its appropriations. **Conclusion:** The printed text can suit different forms, and then may gain status of a document-object for the study of cultural history by allowing them to bring back an object, concept or missing person by replacing it with an image capable of representing them adequately.

**Descriptors:** Nursing History, New Cultural History, Roger Chartier.

<sup>1</sup> Doutoranda Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola Alfredo Pinto, Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PPGENF). Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: ebicalhoenf@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola Alfredo Pinto, Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PPGENF). Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Laboratório de Pesquisas em História da Enfermagem (LAPHE). Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: line-enf@hotmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola Alfredo Pinto, Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PPGENF). Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: juliabrites@ig.com.br.

<sup>4</sup> Doutor em Enfermagem. Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Departamento de Enfermagem em Saúde Pública. Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro, RJ. Brasil. E-mail: amorimw@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Departamento de Enfermagem em Saúde Pública. Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). Rio de Janeiro, RJ. E-mail: luiz.pellon@unirio.br.

## RESUMO

**Objetivo:** Discutir a utilização da Nova História Cultural como método para análise dos usos e costumes da enfermagem relacionados aos materiais impressos. **Método:** Pesquisa descritiva de natureza qualitativa, a partir da reflexão sobre os avanços teórico-metodológicos defendidos pelo historiador Chartier no campo da História Cultural. Para estabelecer nexos entre a Nova História Cultural, proposta pelo historiador, e a História da Enfermagem foram levantadas 02 teses e 03 dissertações produzidas no Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem- LACENF/UNIRIO. **Resultado:** Os estudos apontaram que a metodologia proposta por Chartier está pautada na íntima relação entre representações e os efeitos produzidos pelas suas apropriações. **Conclusão:** As diferentes formas que adquirem o texto impresso ganham status de documento-objeto para os estudos da história cultural por permitirem que se tornem presentes um objeto, conceito ou pessoa ausente mediante sua substituição por uma imagem, capaz de representá-los adequadamente.

**Descritores:** História da Enfermagem, Nova História Cultural, Roger Chartier.

## RESUMEN

**Meta:** Discutir el uso de la nueva historia cultural como un método para el análisis de las prácticas de enfermería y costumbres relacionadas con los materiales impresos. **Método:** Cualitativa descriptiva, a partir de la reflexión sobre los avances teóricos y metodológicos defendidas por Chartier en el campo de la historia cultural. Establecer vínculos entre la nueva historia cultural, propuesto por el historiador, y la Historia de la Enfermería se plantearon 02 tesis y 03 disertaciones producidas por Laboratorio de Ciencia de abordaje en la historia Enfermagem – LACENF/UNIRIO. **Resultado:** Los estudios apuntaron que la metodología propuesta por Chartier está pautada en la íntima relación entre representaciones y los efectos producidos por sus apropiaciones. **Conclusión:** Las diferentes formas de obtener el documento de estado de ganancia objeto de texto impreso para el estudio de la historia cultural para permitir que se conviertan presente un objeto, concepto o una persona desaparecida reemplazándolo con una imagen capaz de representar adecuadamente.

**Descriptores:** Historia de la Enfermería, Nueva Historia Cultural, Roger Chartier.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a Nova História Cultural como método para análise dos usos e costumes da enfermagem relacionados aos materiais impressos.

Existe amplo consenso de que os documentos constituem o elo privilegiado de ligação do presente com os fenômenos do passado. O passado não existe como coisa organizada e pronta à espera de ser desvelada, mas, como uma realidade de múltiplos sentidos que é vivificada no presente graças à sua mediação pelos documentos históricos.<sup>1</sup>

No entanto, não é por estarem nos documentos que os fatos ocorreram exatamente como foram descritos. O papel do pesquisador é ver o passado através dos olhos do presente e à luz de seus problemas; ou seja, seu principal trabalho não é registrar, mas avaliar ancorado numa base teórica.<sup>2</sup>

A edificação da enfermagem enquanto profissão possui uma história que é recuperada graças à mediação do presente

com o passado por meio dos documentos. Alguns documentos possuem potencial para serem utilizados como fontes para os estudos de história da enfermagem, a saber: fotografias, filmes, jornais, livros, periódicos científicos, periódicos não científicos, manuais de serviço, folders, folhetins, cartazes, relatórios de serviços, almanaques, entre outros.

Dentre todos os tipos de documentos, aqueles produzidos pela imprensa escrita tem adquirido relevo especial no contexto da pesquisa em história da enfermagem, em virtude de privilegiar a difusão do elemento signico dotado de maior poder de comunicação na sociedade ocidental: a palavra escrita.

A ideia de imprensa escrita é utilizada para designar os jornais e veículos impressos de circulação periódica, dotados de uma estrutura-editoras-constante e dirigidos a um determinado público leitor que possui uma identidade cultural, ideológica e social. Nessa perspectiva, o registro da imprensa escrita, como produção de sentidos, pode ser entendido, como produções discursivas na comunicação produzida pela classe dominante, ou pela aliança que viabiliza algum interesse ou estratégia social, que, na maioria das vezes, possui o controle da emissão das mensagens verbais e não verbais oferecidas a uma dada sociedade, presente nos fenômenos sociais.<sup>3</sup>

Consideramos, entretanto, para subsidiar as explicações contidas neste artigo, que as produções da imprensa escrita não permanecem restritas àquelas que possuem a marca do periodismo jornalístico ou cultural, mas compreendem também as que, de alguma forma, se beneficiaram dos avanços tecnológicos promovidos pela revolução tipográfica de Gutenberg, que auferiu maior agilidade aos processos de produção e circulação dos produtos impressos tornando-os objeto de destaque na cultura de consumo ocidental.

Conforme abordado, as produções da imprensa escrita têm sido utilizadas, prioritariamente, como fontes de pesquisa histórica pela capacidade de fornecer a maior quantidade de elementos decifráveis pela cultura ocidental. Contudo, as metodologias fundadas em bases sociológicas, utilizadas para analisar os fenômenos culturais envolvidos na relação dos materiais impressos com a leitura, não tem sido capazes de avançar para além das interpretações que universalizam a ideia de produção como um atributo dos grupos dominantes, vistos sob esta perspectiva, como detentores do poder de impor seus interesses e valores aos leitores por meio das representações da realidade, organizando, assim, toda a vida social.

Contra esta perspectiva, levantou-se a Nova História Cultural, tal como postulada por Roger Chartier. A Nova História Cultural apresenta-se atualmente como o conjunto de práticas historiográficas baseadas nos procedimentos teórico-conceituais e metodológicos originados da reflexão crítica levada a cabo pelo historiador e alguns de seus contemporâneos pertencentes à terceira geração da escola dos Annales, sobre a primazia conferida ao recorte social, estatístico e demográfico aplicado aos estudos da história cultural francesa florescida no final da década de 1960, também conhecida como história das mentalidades.

Dentro do olhar interpretativo de Chartier o objetivo da Nova História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Neste sentido, o autor incorpora ao objetivo os processos de linguagem conferindo destaque à leitura.<sup>4,5</sup>

Diante do exposto, objetiva-se discutir a utilização da Nova História Cultural como método para análise dos usos e costumes da enfermagem relacionados aos materiais impressos.

## MÉTODOS

Pesquisa de natureza qualitativa, a partir da reflexão teórica sobre os avanços metodológicos defendidos pelo historiador francês Roger Chartier para pesquisa em História Cultural. Visando alcançar o objetivo proposto foi realizada uma revisão narrativa das principais obras do autor, a fim de extrair os elementos necessários para se promover uma interlocução das suas ideias centrais com as exigências dos estudos no campo da História da Enfermagem.

Para estabelecer nexos entre a História Cultural e a História da Enfermagem foram levantadas 02 teses e 03 dissertações produzidas pelo Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-LACENF/UNIRIO, que utilizaram os conceitos de representação e apropriação defendidos por Roger Chartier, para se analisar as relações de produção, circulação e consumo de materiais impressos produzidos e consumidos pela e para a Enfermagem.

Não se pretende, contudo, aprofundar-se em análises pormenorizadas das pesquisas apresentadas, mas sim, tomá-las como base para a reflexão em torno da concretude da aplicação teórico-metodológica da Nova História Cultural em pesquisas de História da Enfermagem e demais áreas da saúde.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca por produções de enfermagem que utilizassem como referencial teórico e metodológico as ideias centrais da Nova História Cultural, tais como defendidas por Chartier, não foram encontrados estudos em acervos virtuais de produções científicas, nem tampouco em banco de teses e dissertações disponíveis on-line. Considerando o caráter pioneiro de pesquisas que utilizaram o referencial teórico-metodológico de Chartier para análise das relações da enfermagem e outras profissões da saúde com os materiais impressos - sejam eles didáticos, científicos ou para-didáticos - julgou-se pertinente considerar as produções desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem- LACENF/UNIRIO, pertencente à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (UNIRIO).

Como produções tomadas para subsidiar as reflexões, foram selecionadas as teses de Moraes (2014) que teve como objeto as representações da técnica para a enfermagem, de Zaíra Cintra Vidal; de Pellon (2013), que utilizou como

documento-objeto de análise o periódico Ceará Médico, discutindo as implicações das leituras das representações científicas eugênicas para a configuração de um campo de práticas sanitárias no estado do Ceará; e a dissertação de Mesquita (2015) que estudou as representações da enfermagem no livro Páginas de História da Enfermagem, de Waleska Paixão.<sup>6-8</sup> Destacam-se ainda, a dissertação de Silveira (2012) que discutiu as representações contidas nos textos publicados no Boletim do Serviço Especial de Saúde Pública e a da dissertação de Vidal (2012) sobre as principais representações relativas à enfermagem, na Revista Médica do Estado da Guanabara.<sup>9,10</sup>

Embora Chartier vincule a origem deste ramo recente da historiografia às inquietações dos historiadores franceses diante dos princípios fundantes da chamada História das Mentalidades, há que se pontuar a existência de outro segmento de historiadores que defendem a Nova História Cultural como herdeira e ao mesmo tempo questionadora de uma história cultural que tem raízes no século XVIII e compreende, quatro fases desse movimento historiográfico: a clássica, durante o século XIX com os humanistas do Renascimento, que estudaram a língua e a literatura; a história social da arte na década de 1930; a história dos anos 1960 voltada à cultura popular e a nova história cultural, emergida após os anos 1970.<sup>11</sup>

Sem negar a importância de ambas as correntes teóricas para a construção do que hoje se pode conceber como Nova História Cultural, a atenção das linhas que se construirão neste estudo buscará desviar, senão eximir-se, do compromisso de abordar os pontos que delimitam a contraposição e até mesmo a complementariedade entre ambos os segmentos intelectuais, na tentativa furtiva de não incorrer em obstáculos para o delineamento da trajetória percorrida por Roger Chartier para construir as bases conceituais e metodológicas sobre as quais edificou o seu projeto intelectual.

Roger Chartier aponta a Nova História Cultural como uma vertente historiográfica, apoiada por ele nos pilares da Teoria Literária e na Antropologia e não mais na Sociologia. Fato este que provocou uma ruptura entre a ideia de cultura e os modelos sociológicos e marxistas da terceira geração da *Revista dos Annales*. Para Chartier a cultura se apresenta como uma dimensão do comportamento humano, representando o sentido que o homem atribui a sua realidade, o que pode ser atribuído as suas determinações sociais e econômicas. Para tanto, o historiador se utiliza da linguagem como grande representante da realidade humana.<sup>12</sup>

Os estudos desenvolvidos no âmbito do LACENF tem apontado para a importância e o significado da linguagem enquanto uma mensagem que conjugam diferentes elementos sógnicos de ordem material, tipográfica e estética com objetivo de alcançar um nicho restrito de recepção com competência específica de leitura dos códigos nela embutidos. É neste encontro entre leitor competente e produto impresso que se forma a representação, com força de produzir mudanças na realidade social, organizando implicitamente as hierarquias que nela devem habitar.

Chartier mantém um diálogo intenso com Bourdieu, quando aponta que “as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”. Dessa forma, o conceito de representação é construído pelo historiador como resultado das “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social”, enquanto categorias de percepção do real.<sup>4,5</sup>

Os estudos em tela tem avançado na ideia de que as representações se difundem na sociedade e se consolidam com o tempo, através do trabalho de identificação do coletivo com os valores e práticas partilhados nos produtos culturais que veiculam significados sociais. Seus resultados tem demonstrado que - a exemplo das imagens sacras - o que é adorado pelos fiéis não é a imagem e sim o que ela representa, os significados que produz, sua simbologia, como uma “ilusão de estar ali o que não está”.<sup>12</sup>

Neste sentido, as representações são capazes de internalizar a forma simbólica das lutas pelo poder e dominação social, que existem independentemente da consciência e vontades individuais que as produziram dentro de determinado campo social.<sup>13</sup> Dentro do campo metodológico da utilização das representações como ferramental para análise da História Cultural da Enfermagem, as pesquisas desenvolvidas no Lacenf tem mostrado que as lutas de representações têm tanta importância quanto às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.

Nesta direção, Moraes exemplifica como as primeiras iniciativas de produção de materiais didáticos por enfermeiras no Brasil tinham como pano de fundo a construção de uma identidade social da profissão, capaz de desvinculá-la do conhecimento produzido por médicos para a enfermagem. Tal empreendimento demandou investimentos na formação de um corpo de líderes pela então Escola de Enfermagem Ana Nery por meio da ligação de seus nomes à produtos impressos que levavam os princípios fundantes da profissão aos principais espaços de formação, consignando um nicho de leitura com força para contribuir para o projeto almejado de projeção da profissão a níveis elevados de reconhecimento social. Assim, o estudo busca demonstrar a relação entre representações e os efeitos produzidos pelas suas apropriações.<sup>6</sup>

Para Chartier, apropriação é a forma de historicamente produzir um sentido e diferenciadamente construir um significado, através de diferentes processos.<sup>5</sup> Ainda no campo das apropriações Chartier demonstra a forma como os leitores se apropriam dos textos e como eles os atingem, fatos estes muitas vezes negligenciados pela Sociologia Cultural da terceira geração dos *Annales*.<sup>14</sup> Chartier se posiciona diante deste vasto campo da história, que integrou ao mesmo tempo como partícipe e questionador, como contrário ao corolário da noção de cultura que a reduz a um sistema simbólico, por se mostrar incapaz de revelar as divisões e/ou desvios nas

formas de se pensar e agir entre os membros de uma mesma unidade social.

Neste sentido, o estudo de Pellon sobre uma revista de cunho científico, produzida por uma associação médica do Ceará na década de 1930, demonstrou ter havido uma cisão no interior deste mesmo grupo em virtude das divergências que circundavam uma reforma sanitária federal durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas. Através da análise da materialidade e estética do documento – objeto, o autor verificou que o grupo não arrolado nos trabalhos da reforma se encastelou no corpo editorial da revista, comandando assim o conjunto das suas publicações que passaram a restringir as temáticas relacionadas aos avanços no campo da saúde pública, em que pese a sua ampla divulgação na mídia jornalística local. Dentre o aparelhamento dos serviços públicos, poder-se-ia destacar a formação de visitadoras sanitárias e a criação de um centro de saúde e demais instituições a ele ligadas.<sup>7</sup>

O grupo editorial da revista se afina com a ideologia científica eugênica que encontrava na ginecologia e obstetrícia uma forma de controlar a reprodução de seres com características indesejáveis à sociedade. Para consolidar o projeto de domínio no campo ideológico sanitário, reforça o investimento na formação de parteiras, agrega a elas o termo visitadoras e passa a publicar o material didático utilizado na sua formação. O estudo demonstra que, por meio da concorrência de representações, o segmento editorial da revista busca demonstrar o alto nível de investimento científico empregado por esta sociedade médica na formação dessas exercentes da enfermagem cearense e o alto grau de independência com relação aos projetos governamentais.<sup>7</sup>

Neste sentido, os estudos apresentados, buscaram demonstrar uma ruptura metodológica com a inércia operativa do leitor na produção do sentido, ao tratar os desígnios da prática de leitura na determinação da sua relação com o texto, consigo mesmo e com o outro. Essas relações, muitas vezes ambíguas, apontam também para posse e/ou uso do texto impresso como modalidade de luta contra a dominação simbólica que o próprio texto pode embutir nas entrelinhas de sua materialidade e estética.

A localização do impresso, sua disposição no interior de uma biblioteca e sua posse pública podem indicar certo nível de poder com relação às outras pessoas, a exemplo da condução de livros religiosos em espaços públicos. Inexoravelmente, este ato dá ao seu portador uma distinção entre ele e os demais, pois, mesmo que seja analfabeto comunga de uma prática de leitura que exerce influência sobre sua maneira de pensar e agir a partir de sua relação com um material impresso. Da mesma forma, os estudos em tela tem demonstrado que a apropriação de livros e demais textos científicos produz seus resultados na forma de distinção de um grupo ou pessoa, a partir da força que suas representações veiculam.

A apropriação na perspectiva de Chartier se dá “como práticas de produção de sentido, dependentes das relações

entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais”.<sup>4</sup> Para se proceder à correlação entre representação e apropriação, faz-se necessário, portanto, o empreendimento na análise sobre a forma como o texto é organizado em sua materialidade e estética, pois elas comandam o sentido que se almeja alcançar por meio do seu consumo em nichos culturais que comungam de competências específicas de leitura.<sup>14</sup>

Ao analisar as representações dos documentos impressos que serviram como objeto de pesquisa, os autores dos estudos citados comungam com Chartier ao defender que, a partir da conjugação da análise das estruturas contidas no livro e das competências de leitura dos grupos sociais que dele se apropriam, “podem-se formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais”.<sup>15</sup> Ilustrando esta assertiva Chartier promove um diálogo entre dois grandes escritores e dramaturgos que permearam com suas obras os séculos XVI e XVII. São eles, o inglês William Shakespeare (1564-1616) com Hamlet, Otelo, Macbeth e Romeu e Julieta e o espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616) com sua obra Dom Quixote de la Mancha, que se tornaram conhecidas e consagradas até a atualidade em espaços e grupos sociais diferenciados por sua competência de leitura, ao serem publicadas sob formas materiais e estéticas distintas.<sup>15</sup>

Dessa forma, os pesquisadores do Lacenf tem verificado em seus estudos, que o sentido de realidade opera numa relação intrínseca entre as modalidades que governam a produção e circulação do texto impresso, que conjuga desde a escrita, a editoração, o grafismo e a censura, até as formas de apropriações por meio de práticas distintas de leitura que, conforme tem constatado podem revelar-se como “desgovernadas” daquelas intencionadas pela comunidade de autores quando pensam em adequar a materialidade e estética das obras literárias às competências de seus potenciais leitores.<sup>6-10</sup>

Os estudos tem reorientado o *modus operandi* da análise no campo da história da enfermagem ao romperem com os recortes sociais tomados de antemão para se chegar às produções culturais. Ao inverter a lógica das análises busca identificar nas entrelinhas das produções culturais os vestígios das divisões sociais, seus recortes, e elementos utilizados para manter a força de enunciação de determinados grupos sobre outros, rompendo com a orientação teórico-metodológica das mentalidades que tratava o livro como um sistema simbólico, como uma forma de representação existente em si mesma e desvinculada das leituras que governam a produção de sentido.

As iniciativas que se debruçaram sobre as análises das relações entre leitores e obras singulares nesta perspectiva, por sua vez, não conseguiram avançar para a compreensão do sentido produzido por eles, ao universalizarem implicitamente o processo de leitura como um ato similar, condicionado pelos sistemas sógnicos-simbólicos que governam a recepção do texto entre os membros pertencentes às mesmas classes, grupos e/ou estratos profissionais.<sup>16</sup>

Um ponto se coloca, entretanto, no centro dos questionamentos a respeito dos procedimentos de investigação que buscam apontar os encontros e os desvios existentes nas intencionalidades inscritas no material impresso e nas apropriações que dele fazem seus leitores: trata-se de elucidar os critérios que fazem do texto impresso objeto deste empreendimento.

As pesquisas apontaram que a materialidade do texto impresso possibilita captar elementos capazes de dar suporte a seus estudos sobre as significações pensadas pelos autores dos documentos, pelo comentador e pelo editor, quando ajuízam o leitor como sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, ou seja, a uma leitura autorizada.

No entanto, as práticas de leitura nem sempre operam da maneira desejada pelo corpo editorial, mostrando que o leitor possui uma liberdade criadora que influencia no sentido produzido pelo texto. Os vestígios dessas práticas podem residir de alguma forma, em fontes escritas ou iconográficas que sejam capazes de traduzi-las ou por outra via, na obtenção de relatos extraídos de leitores sobre as suas leituras. Neste ponto é justamente onde reside a possibilidade de se reduzir a análise à dimensão particular de práticas que tem como marca a diversidade de formas possíveis de se executar, correndo o risco de veiculá-la a uma tentativa de se construir uma identidade e uma história pessoal a partir das lembranças de leitura ou mesmo a partir de respostas sobre o que parece legítimo ao depoente naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido.

Dito de outra maneira, as declarações que as pessoas fazem sobre suas próprias leituras são muito pouco seguras em razão do que Pierre Bourdieu chamou de “efeito de legitimidade” ao abordar o assunto com Chartier. Já a exploração de textos ou imagens que veiculam dados sobre as práticas de leitura é um critério possível de ser adotado, contudo, se mostra pouco viável na medida em que a existência dessas fontes é historicamente muito pouco numerosa.<sup>17</sup>

Segundo Chartier, a resposta para este dilema implica em reinterrogar os objetos em todas as suas estruturas, jogando de um lado com os protocolos de leitura inscritos nos próprios textos “precavendo-se, contudo, contra o uso incorreto da categoria texto, indumento aplicado à práticas (ordinárias ou rituais) cujas táticas e procedimentos não são em nada parecidos às estratégias produtoras dos discursos”.<sup>17</sup> De outro lado, trata-se de jogar com as disposições de impressão que podem traduzir evoluções globais que atingem toda a produção impressa e suas regras em determinada época, mas também, incutir manifestações de uma intenção de manipular a recepção.<sup>7</sup>

Neste sentido, os estudos produzidos no âmbito do Lacenf tem se orientado pelos três princípios de análise propostos por Chartier. Após submissão à rigorosidade da crítica documental, Chartier propõe que a análise do documento-objeto do estudo obedeça a três princípios metodológicos.<sup>5</sup> O primeiro visa situar a construção do sentido dos textos entre os limites transgredidos e as liberdades controladas. O

historiador aponta, por um lado, para a existência de uma força a ser observada pelos pesquisadores na relação entre formas materiais da escrita e competências culturais dos leitores na delimitação das fronteiras da compreensão do sentido visado pelos textos e suas formas de publicação. Por outro, ressalta a necessidade de se elencar para a análise, a apropriação como um ato criador, produtor de uma diferença e de um sentido inesperado e diretamente dependente das competências que cada comunidade de interpretação tem com a cultura escrita.

Dessa forma, é possível situar por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara - conforme a posição que ocupam nas relações de dominação- o que lhes é possível pensar, dizer, fazer.<sup>18</sup> Para dar escopo à análise, Chartier propõe o cruzamento de disciplinas até então estranhas umas a outras, como a crítica textual, a história do livro e a sociologia cultural.<sup>5</sup>

Como segundo princípio, ou “exigência do método”, Chartier propõe que o pesquisador se empenhe em desfazer a “fraca ideia” de que as representações são uma tradução do real, simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes seria exterior. Recomenda, pois, que se tome como eixo norteador deste princípio de análise, a força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas, o que pressupõe aliar a potência dos textos escritos através dos quais elas serão lidas ou ouvidas, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, impostas por elas como as matrizes das classificações e juízos.<sup>5</sup>

No que tange ao terceiro princípio de análise, o autor propõe que as obras singulares ou textos que são objeto de trabalho sejam posicionados no cruzamento de dois eixos que organizam toda metodologia de história ou de sociologia cultural: um eixo sincrônico e outro diacrônico. O eixo sincrônico permite situar cada produção escrita em seu campo ou seu tempo colocando o documento-objeto em relação a outras produções que lhes são contemporâneas. O eixo diacrônico, por sua vez, busca situar a relação que cada nova obra desenvolve com o passado do gênero ou da disciplina ao conferir enfoque no consumo que se inscreve na produção de seus autores, na forma de imitação, citação, retorno a pensadores antigos, ou mesmo ruptura.<sup>5</sup>

Isto posto, a Nova História Cultural assume relevância teórico-metodológica com potencial de reorientar as pesquisas na área da História da Enfermagem e afins, considerando o conjunto de variáveis para interpretação da capacidade de produção do sentido que o principal produto de consumo das sociedades ocidentais - o material impresso - produz.

## CONCLUSÃO

À luz dos critérios de análise dos textos impressos apresentados pela Nova História Cultural, as diferentes formas que eles adquirem (livro, periódico, folhetim, dentre outros)

tem potencial de assumir status de documento- objeto por se tornarem centrais no processo de investigação das divisões sociais, as hierarquias, conflitos e forças a partir do seu reconhecimento enquanto produto das intencionalidades de diferentes autores que atuam no propósito de difundir determinadas visões de mundo.

Tomar as representações científicas impressas como documento – objeto de análise da História Cultural da Enfermagem apresenta uma potencialidade reveladora da forma como os grupos envolvidos em sua produção se percebiam e percebiam os demais, ao circunscreverem uma intencionalidade que objetivava uma leitura “correta” e esperada dos seus valores morais, da dimensão social de sua atuação e de suas práticas, das críticas dirigidas aos outros e dos limites que demarcavam a impenetrabilidade aos demais agentes do campo sanitário, mediadas pela capacidade inventiva dos editores e autores de manipular a informação utilizando as convenções tipográficas e literárias disponíveis à época de sua existência.

## REFERÊNCIAS

1. Funari PPA, Silva GJ. Teoria da História. São Paulo: Brasiliense, 2008.
2. Favero MLA. O Pesquisador e o desafio das fontes in: Mendonça AWCP et al (orgs). História da educação: desafios teóricos e empíricos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.
3. Porto F. Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermagem brasileira na imprensa ilustrada: O poder simbólico no click fotográfico (1918-1925). Tese (Doutorado), RJ, UFRJ/EEAN, 2007.
4. Carvalho FAL. O Conceito de Representações Coletivas Segundo Roger Chartier. Diálogos. 2005; 9(1): p. 143-165.
5. Navarrete E. Roger Chartier e a Literatura. Revista Tempo, Espaço e Linguagem. 2011 dez; 2(3):p.23-56.
6. Moraes MAM. As representações da técnica no livro “Técnica de enfermagem” de Zaira Cintra Vidal (1933-1963), EEAP/UNI-RIO, RJ, 2014.
7. Pellon LHC. As representações eugênicas da assistência na Revista Ceará Médico (1930-1935), EEAP/UNI-RIO, RJ, 2013.
8. Mesquita MB. “Representações no livro: ‘Páginas de História da Enfermagem’, de Walesca Paixão (1951-1979)”, EEAP/UNI-RIO, RJ, 2015.
9. Vidal LVM. “Levantamento de Necessidades de Enfermagem” Publicado na Revista Médica do Estado da Guanabara (1962), EEAP/UNI-RIO, RJ, 2012.
10. Silveira PLD. Uma página na História da Enfermagem de Saúde Pública (1946-1950), EEAP/UNI-RIO, RJ, 2012.
11. Burke P. O que é História Cultural? RJ: Zahar, 2008.
12. Guarato F. Por uma compreensão do conceito de representação. Rev. História e-História. Unicamp. 2010 Jun; 1-12.
13. Pacheco A. As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e campo em Pierre Bourdieu. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.
14. Chartier R. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
15. Chartier R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.
16. Chartier R. A beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

17. Chartier R. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: Chartier, Roger et al. Práticas de leituras. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
18. Chartier R. A História ou a leitura do tempo. Tradução: Antunes, C. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

Recebido em: 10/09/2016  
Revisões requeridas: 12/05/2017  
Aprovado em: 10/03/2017  
Publicado em: 08/01/2018

---

**Autor responsável pela correspondência:**  
Érika Bicalho de Almeida  
Rua Jose Lourenço, 489, casa 8, São Pedro  
Juiz de Fora/MG, Brasil  
CEP: 36037-460